

# MATOPE

Abdul  
Cadre

eBooksBrasil

[www.eBooksBrasil.org](http://www.eBooksBrasil.org)

MATOPE  
Abdul Cadre

1ª Edição Convencional  
Lisboa – Portugal  
1982

Versão para eBook  
eBooksBrasil.com  
2001 Julho

Fonte Digital  
Documento do Autor

Copyright:  
© 2001,2006 Abdul Cadre  
abdul.cadre@netc.pt  
Apartado 59  
7084-909 Vendas Novas  
PORTUGAL

Índice da Obra:.....56

Distinguido  
pela  
ACCADEMIA INTERNAZIONALE DI «PONTZEN»  
DI LETTERE, SCIENZE ED ARTI  
com o  
«Lauro d'Oro»  
no World Literature & Art Selection – 1985  
(Nápoles, Itália)

# **Abdul Cadre**



**MATOPE**

**POESIA**



## **OBRAS DO AUTOR**

### **Individuais:**

LIBERALISMO, INTERVENCIONISMO E O CASO  
PORTUGUÊS

(Ensaio – edições esgotadas: 1ª em 1979; 2ª em 1980 e  
3ª em 1982)

MATOPE – (Poesia – 1982)

«Lauro d’Oro» World Literature & Art Selection – 1985  
(Nápoles, Itália)

CONTOS, CRÓNICAS & ETC. (Ficção – 1985; 100 ex.,  
fora de mercado)

Obra distinguida pelo júri do Prémio Literário Joaquim  
Almeida/1985, Montijo.

REVERSO – Poesia – (1985: 100 ex. fora de mercado)

Obra classificada em 3º lugar no Concurso Literário da  
C. M. de Arronches, em 1985

POESIA E SOCIEDADE – (Palestra – 1986, Edição NERP)

NA MORTE DE BENJAMIM MOLOISE E OUTRAS

ELEGIAS – (Poesia, 1987) Edição de I.W.A. –  
International Writers Association – U.S.A.

SONG – (Poesia, 1988) Opúsculo bilingue, IWA, USA

MISSÃO TEMPLÁRIA – (Palestra, 1990),

Edição do NERP-Núcleo de Escritores e Recitadores  
Portugueses

TROVAR O PORTO DO GRAAL – (Idem, idem)

O PANFLETO DO NOJO – (Poesia, 1991)  
Collection Poésie Palmipède, Paris, França, Edições  
Albatroz

SETE CARTAS CONTRA O SATANISMO – (Epístolas,  
1994, Fora de Mercado)

O PODER DOS EQUÍVOCOS – (Palestra, 1996), Edição  
TAR

A RESPIRAÇÃO DE BRAMA – (Palestra, 1996) – Edição  
TAR

SETE RECADOS VITAIS – (Epístolas, 1996) – Edição TAR

SETE DESOCULTAMENTOS – (Epístolas, 1996) – Edição  
TAR

SETE ROSAS DE PAPEL – (Epístolas, 1996) – Edição  
TAR

SETE COMPREENSÕES – (Epístolas, 1996) – Edição  
TAR

SETE DESAFIOS E UMA CONFIDÊNCIA – (Epístolas,  
1996) – Edição TAR

ACIMA DO DÓ CENTRAL (Poesia – 2000) – Edição TAR

### **Colectâneas:**

1972 – COLECTÂNEA POEMAS VENCEDORES PRÊMIO  
LITERÁRIO CIDADE DE PORTO AMÉLIA, MOÇAMBIQUE

1983 – COLECTÂNEA DE TRABALHOS PREMIADOS  
NAS I & II QUINZENAS CULTURAIS BANCÁRIAS.

1984 – «A PAZ E A VIDA» (Prosa e poesia), JUNTA DE

## FREGUESIA DA AMORA

1985 – «O TRABALHO – ANTOLOGIA POÉTICA», edição do Sindicato dos Bancários do Sul e Ilhas

1985 – FLORILÉGIO I, antologia poética editada pelo NERP

1986 – INTERNATIONAL POETRY YARBOOK, antologia poética, Colorado, USA

1986 – BRAZILIAN CONTEMPORARY LITERATURE, antologia de prosa e verso, Universidade do Colorado, USA

1986 – FLORILÉGIO II, antologia poética editada pelo NERP

1986 – CADERNOS DE POESIA DIZ ILUSÃO, nº 2, edição NERP

1987 – FLORILÉGIO III, antologia poética editada pelo NERP

1988 – FLORILÉGIO IV, idem

1989 – POETAS DO BARREIRO, antologia editada pela Câmara Municipal do Barreiro

1989 – INTERNATIONAL POETRY YARBOOK, antologia poética, Moorhead – MN. USA

1990 – INTERNATIONAL POETRY YARBOOK, idem

1991 – FLORILÉGIO V, antologia poética editada pelo NERP

1992 – LA POÉSIE DES PALMIPÈDES, nº 3, antologia

poética, Edições Albatroz, Paris, França.

1992 – INTERNATIONAL POETRY, antologia poética da International Writers and Artists Association, Bluffton – OH, USA.

1996 – FLORILÉGIO VI, antologia poética editada pelo NERP

1996 – JOGOS FLORAIS DE ALMEIRIM, (antologia de trab. vencedores), editada pela Associação de Defesa do Património Histórico e Cultural do Concelho de Almeirim

1998 – 100 ANOS-Federico García Lorca – Homenagem dos Poetas Portugueses (Universitária Editora)

# ***PÓRTICO***

**Aqui não era Maio nem Abril  
na nossa pátria governamental,  
no soturno silêncio do redil,  
quando o medo reinava em Portugal.**

## **AUTO-RETRATO**

Sou aquele que nunca permanece,  
de todos os lugares estou ausente  
sou feito de mudança permanente  
e a minha esperança nunca se esmorece.

Na luta pelo futuro que apetece  
eu assalto os castelos do presente,  
nas minhas veias corre lava ardente,  
de raiva e sonho a alma se me aquece.

O medo no meu peito calo, venço  
quando pago da vida o alto preço,  
ao futuro me entrego, nele penso,

exijo, grito, luto, nunca peço!  
É ao sonho e à raiva que eu pertenço,  
mas nunca fico, nunca permaneço.

**LIVRO I**

**GUINÉ**

## **ELEGIA**

Na nossa melhor idade  
quantos projectos traçámos,  
com nossa seiva verdade  
quantos sonhos nós sonhámos!...

Mas dum grupo de carneiros  
fizemos parte integrante,  
levados mansos, ordeiros  
para terra alheia, distante.

Embarcados como gado,  
num dia quente de Agosto,  
foi diferente o nosso fado  
de soldados contragosto.

Eu vesti e tu vestiste  
triste farda de guerreiro,  
eu fiquei e tu partiste  
num certo mês de Fevereiro.

Chegou para ti o descanso  
eterno, de falsa paz,  
no teu rosto imberbe e manso  
quebrou-se o brilho vivaz.

Partiste assim sem sentido  
para a terra do nunca mais.  
do sonho foste banido  
por sete balas fatais.

## **A BÔ, PRETA**

A *bô*, preta  
que falas à tropa  
nesse tu'voz medrosa,  
pedinte e morna:

*«Berranco comp'rrá mancarra.  
Dôs xolins».*

A *bô*, preta  
filha da Guiné,  
de olhar mortiço,  
mas com o ritmo do dondon no corpo.

A *bô*, preta  
inda bajuda,  
corpo roliço,  
mama firmada,  
amanhã preta velha de seios murchos,  
folhas secas  
menos da idade  
que do peso da vida e dos filhos.

A *bô*, preta  
que a pilar arroz  
embalas o teu filho no dorso  
e há séculos na servidão.

A *bô*, preta.  
mãe de tanta Maria Quinta  
e de quanto Joãozinho Cá!

A *bô*, preta  
com filhas a vender mancarra  
e filhos a beber cana.

A *bô*, preta  
a colher arroz na bolanha amiga,  
na ambição do suor,  
na esperança do pilão.

A *bô*, preta  
que não lê estes versos  
e a quem peço perdão.

## **ALCÂNTARA-MAR**

Lenços brancos a acenar,  
angústias e arrepios,  
no cais esperam navios  
sedentos de céu e mar.

Vão enchendo os seus porões  
as caravelas de Agosto  
de soldados contragosto  
que «*marcham contra os canhões*»..

E tantas boinas com fitas,  
ai! quantas botas com cardas  
e, prisioneiras das fardas,  
as nossas almas aflitas!

Num oceano de medo  
há uma raiva amordaçada,  
nesta nação adiada,  
com seus heróis de arremedo.

Quantos sonhos adiados  
e quanto olhar inocente!  
Não somos gado nem gente  
na leva dos condenados.

Ó seiva de Portugal,  
pelo bolor corrompida,  
fazendo a guerra perdida  
do Império Colonial!

## **CANTANDO E RINDO**

Lá vamos cantando e rindo,  
levados como carneiros,  
por açougues repartindo  
nossa sorte de guerreiros.

Pasmem todas as nações  
mailos cinco continentes,  
que marcham contra os canhões  
os que à força são valentes.

E damos vivas à morte,  
que amamos mais do que a vida  
e achamos que é já ter sorte  
não nos faltar a bebida..

Lá vamos, cantando e rindo,  
levados, levados sim,  
os corações desmentindo  
orelhas que abanam sim.

## QUANDO PARTI

*à M.C.*

Um enorme desejo de ficar,  
simplesmente ficar e não partir.  
E há rostos que se escondem para chorar,  
para depois nos voltarem a sorrir.

Lá estão os lenços brancos a acenar  
e no peito esta mágoa de sentir  
que entre nós dois se põe imenso o mar  
dá-me estas loucas ganas de fugir!

E não vieste ao cais dizer-me adeus...  
Como lamento os beijos que não demos!  
Ai, como anseio tanto os que daremos

quando vieres enfim aos braços meus...  
Lábios nossos e não mais meus e teus!  
Nossas penas com beijos lavaremos.

## **BISSAU**

Duma herança maldita eu sofro e numa  
caravela de mágoa e de castigo  
(que eu nem as ondas vi do mar de Vigo),  
meteram-me de nauta contra a bruma.

Conquanto a minha fé fora nenhuma,  
arrei-me contra o medo e contra o perigo;  
sete dias cruzei o mar antigo  
entre brumas, trovões e fúria, e espuma...

E as ondas do meu fado me levaram  
ao forçado baptismo tropical  
e os meus olhos de verde se espantaram.

Nada de Gama, nada de Cabral  
as minhas botas cardadas acordaram  
neste cais de Bissau, a capital.

## **PIJIGUITI**

Ó cais do Pijiguiti,  
onde os ventres das barcaças  
recordam as ameaças  
que vêm do Tombali;

onde o coiro negro sua,  
o ódio cala na espera,  
a esperança se desespera  
e a alma se desvirtua;

onde calamos ordeiros  
nossos sonhos adiados,  
contando dias passados,  
famintos dos derradeiros.

E o clarim anuncia  
ao mangal e aos coqueiros  
que nesta terra os guerreiros  
marcham de noite e de dia.

Vagabundos das palhotas,  
vamos esquecer no Pilão,  
no álcool, na podridão  
as cardas das nossas botas.

E neste cais que se agita  
no trabalho, no suor,  
os dentes rangem rancor  
fermentado na desdita.

## **AQUI**

Do Sofala os porões de carga bruta  
— era Agosto — em Bissau foram mil pernas;  
tinham o cheiro forte das casernas  
e a inocência jovem dos recrutas.

Os jornais noticiam a conduta  
heróica, como quer quem nos governa,  
que o nosso sangue faz a pátria eterna  
às ordens reverendas da batuta.

E aqui habita o meu sonho perplexo,  
neste desterro cálido e plangente,  
neste destino alheio e desconexo,

onde a noite anuncia a toda a gente  
que sem penicilina não há sexo  
e dormir só o álcool nos consente.

## **VIRGEM NEGRA**

Virgem negra dos olhos de carvão,  
que gingando e gingando me arrebatas,  
tens negra a pele e branco o coração,  
possuis todo o mistério das cubatas.

E quando o tantã soa no sertão,  
naquela estranha música que as matas  
envolve num sabor de perdição,  
mais tu gingas e gingas, me arrebatas.

Esses teus olhos brilham como lume,  
são brasas vivas, virgem do negrume,  
e todo o ser eu sinto que me entregas

nesse ritmo selvagem que te quebra  
e desengonça as ancas. Negas?  
negas que és minha quando te requebras?.

# GUINÉ

## I

O tornado que passa, brinca e dança  
leva o que pode em fúria que não poupa;  
um dilúvio se abate sem tardança  
e o indígena aperta e escorre a escassa roupa.

Depois do temporal vem a bonança  
e é o calor agora que não poupa;  
o tempo pára, o ar sufoca e cansa,  
o suor corre, goteja e empapa a roupa.

Vai breve adormecer o sol radioso  
e entre o silêncio e um hino cai na terra  
de selvas e capins o manto umbroso

que o segredo dos mágicos encerra,  
baila na noite um canto misterioso  
e a porta do feitiço se descerra.

## II

Ao longe são estradas esburacadas,  
poeirentas, vermelhas, calcinadas,  
os carros do exército passando  
e os negros caminhando, caminhando.

São noivados da cana açucarada,  
são bananeiras verdes, carregadas  
de bons cachos que o sol vai aloirando  
e este vertical, cão, nos abrasando.

São selvas e são matas perturbantes,  
são pedaços de sonho e de mim,  
são rios estreitinhos, são tantãs distantes,

são tabancas, bolanhas e capim,  
é mistério, são noites fascinantes,  
é morte, guerra, dor, é medo enfim.

## **GRITO ÀS PALMEIRAS**

Inda agora cheguei e já me pedem  
que grite e já me pedem que me vá,  
que os jagudis estão sobre Bafatá  
e as horas só o medo nos concedem.

Grito às palmeiras, grito que se arredem  
e os ventos eu comando por Alá.  
Na estrada de Mansoa a Mansabá  
da morte os braços verdes já me fedem.

Almas de biafada negras vão  
minha noite voando, que perdida  
nesta epopeia bufa e fementida

vai exaurida a minha geração,  
sem que se veja válida razão  
de vir aqui tão longe dar a vida.

## **JAGUDIS EM QUINHAMEL**

E sete te violaram  
numa fome louca, louca;  
setenta dedos rasgaram  
tua carne e tua roupa.

E foram donos de tudo  
que te puderam roubar  
nesse teu corpo desnudo,  
negro, bordado a luar.

E os jagudis dessa hora  
tão carregada de cio  
deitaram teu corpo fora,  
depois de usado e já frio.

## **POST CARD**

Querida madrinha de guerra,  
gostei muito de saber  
as novidades da terra  
e nesta lhe vou dizer

o segredo que se encerra  
em sermos, mesmo sem querer,  
os soldados desta guerra  
que nos mandaram fazer.

Do chicote, basta o estalo,  
que o resto faz a rotina  
e dos antolhos o calo

é a marca da vacina.  
Fico bem, graças a Deus.  
Dê cumprimentos aos seus.

## **TERRA ESPEZINHADA**

Aqui, os pretos são uns terroristas  
e nós gente cristã e civilizada  
que os salvamos dos erros comunistas  
a pontapé, a tiro e à lambada.

Mulheres, por cá, são fáceis de conquista,  
porque ensinámos esta pretalhada  
de nada lhe valer ser egoísta:  
quando não vai a bem vai à porrada.

Berrou um dia o nosso alferes Barros:  
*«podeis encher de gajas bem os carros,  
matam-se os turras se preciso for,*

*se não se opõem dá-se-lhes cigarros;  
com estas putas todas ao dispor,  
isto é que vai ser fazer amor!»*

## **CANÇÃO OU GRITO D'ALMA**

Quero dormir,  
ou quero gritar?

Oh fantasmas arrepiantes  
de ter a vida cansada,  
dai-me a paz dum grito agudo e longo,  
deixai-me dormir,  
ou deixai-me gritar!

Ó asas.  
asas tontas de luz a acenar-me  
em gestos longos como flocos de neve,  
poisando nas minhas torturadas mãos!

Ó Inverno,  
Inverno de gelo do meu coração  
sem tic-tac nem corda,  
num desalinho de raiva mansa!

Ó santa inconsciência  
da infância perdida na noite do tempo,  
ó cavalgadas infernais de bruxas e de fadas  
com vassoiras e varinhas de condão!

Ó ternos dias dos meus amores primeiros!  
Ó arco da velha, das sete cores,  
quantos os meus pecados mortais!

Ó ignorância terna e doce  
dos que me amam sem razão!

Ó orações esquecidas,  
que não mais lembrarei!  
Ó deuses dos céus, terríveis, cruéis, venais  
com vossas cortes de anjos e de demónios!  
Ó espírito e carne  
na absurda antítese do Bem e do Mal,  
tão absurda quanto aqui o sentido da vida,  
aos vinte de Março do ano da maldição,  
na Ilha de Caiar,  
onde salivo medo e cuspo desespero!  
Ó sol-poente, sol poente,  
pôr-do-sol ou morte d'asa  
e a minha alma assim a ajoelhar,  
enquanto a ignomínia tece os dias!

Ó saudades imensas dos que amo  
e a distância me rouba!  
Ó profissionais do amor  
ao serviço da lei da carne  
na frustração do vômito!  
Ó castas donzelas dos meus sonhos,  
amores suaves que eu já tive,  
meus vãos sonhos!

Ó delírios das minhas noites vagabundas,  
ó belos corpos de mulheres,  
de seios como pombas brancas,  
delírio dos meus sentidos,  
rasgando a solidão!

Ó paixões antigas, ardentes, insanas,  
noites perdidas, orgias e taças de champanhe!  
Ó lábios vermelhos, dentes de marfim,

bocas feitas para beijar,  
longos beijos sugando a alma,  
abraços de noite inteira!

Ó ruas mal cheirosas do meu bairro velhinho,  
das brigas e bebedeiras, dos soutiens na janela,  
dos paninhos a secar, dos lupanares,  
dos sorrisos comerciais,  
postições das prostitutas, corpos alugados,  
almas amarfanhadas,  
almas iguais à minha!...

Ó sábados à noitinha nas ruas do Chiado,  
névoa, bruma de tudo isto  
tão presente e tão distante!

Ó raiva, ó desespero, ó tédio, ó angústia  
dos dias que passam com o seu cortejo  
de horrores!

Ó Guiné,  
terra traiçoeira, terrível, fascinante!  
Ó carne que aqui vou deixando  
pelos caminhos poeirentos!  
Ó tabancas e ó ruas de Bissau  
onde abafa a minha angústia!  
Ó mulatas ardentes,  
dez gramas de esquecimento!

Ó fantasmas,  
fantasmas da minha vida,  
deixai-me dormir um longo sono  
e gritarei amanhã!

## **CASSUMÁ SANHÁ**

Cassumá Sanhá,  
filho de Jalé Abdulá  
não sabe quantas chuvas tem,  
mas vai comprar bajuda.

Seu corpo é forte  
e os braços são musculosos.  
Uma vida no Pijiguiti!...

*«Sanhá tene dôs munhé»*

As duas mulheres de Sanhá  
colhem mancarra,  
lavram arroz.

*«Sanhá miste comp'rrá bajuda»,  
Sanhá tene sês filhos já  
que não morreu inda»*

Cassumá Sanhá,  
filho de Jalé Abdulá  
*tene* muitas chuvas,  
mas vai comprar bajuda.  
Junta patacão  
e não tem cabeça grande  
faz muito tempo.

Precisa de outra mulher  
para colher mancarra,  
para pilar arroz.

**Ó Cassumá Sanhá,  
filho de Jalé Abdulá...  
e conversa djira sábi!...**

## **APENAS**

A rádio não anuncia  
esta nossa sorte perra,  
o medo do dia a dia  
e a maldição desta guerra.

No país tudo vai bem,  
descansem noivas, parentes,  
descansem os pais também,  
cantem, riam de contentes!

***Que apenas! nas bolanhas e nos trilhos  
do medo, lama e sangue, que percorrem  
exaustos, vossos noivos, vossos filhos,  
vossos jovens parentes aqui morrem!...***

Nossa tenaz companheira  
das picadas, do capim,  
a morte, espera rafeira.  
Chora por nós, ó clarim!

## **TERRA RUIM**

*A morte é quem marca a hora  
nas bolanhas, no capim.  
Quem diz que um homem não chora,  
ó Guiné, terra ruim?*

Vem a morte de repente,  
na ponta dum zangão de aço,  
choram os olhos da gente,  
ai! o teu olhar tão baço!

Nas bocas, dentes de raiva,  
nos peitos, uma agonia...  
Ai, que morreu o Saraiva,  
soldado de artilharia!

Nunca mais da tua voz  
se ouvirá o doce canto.  
Pobre de ti! Ai de nós,  
os condenados do pranto!

## **EPITÁFIO**

Vinte e três anos, inda não tinha,  
e a morte ceifou-o na Guiné.  
Silenciosa costureirinha  
chega a malária, pé ante pé.

Foi a má sina  
que lhe calhou,  
foi a vacina  
que lhe faltou.

Morreu imberbe,  
desceu à terra  
e já não serve  
cá nesta guerra.

## **MAIS UMA MEDALHA**

Eis da morte os negros braços  
e da Pátria Sacrossanta  
um soldado em mil pedaços  
embrulhado numa manta.

Foi a merda duma mina  
e um gajo com pouca sorte,  
foi o medo já rotina  
e os braços prontos da morte.

Neste destino de guerra  
em que o Império se desfaz,  
foi-se a saudade da terra  
no peito deste rapaz.

E enquanto cai a metralha,  
venham discursos à toa,  
venha mais uma medalha,  
no dez de Junho, em Lisboa.

## **UM HOMEM CHORA**

Na maldição consentida  
deste tempo de mentiras,  
a tua esperança é medida  
de cada vez que respiras.

Mas quantos tombaram já  
nas margens do Tombali?  
Quantos caíram em Fá?  
Quantos mortos em Farim?

Uma pedra está metida  
onde foi teu coração  
e amortalharam-te em vida  
com uma arma na mão.

Meu soldado pago ao mês,  
confiado na G3  
e nos seus zangões de aço,  
nesta guerra da Guiné,  
na epopeia do bagaço,  
da caserna e do chulé,  
eu sou um homem que chora,  
chora por nós nesta hora!...



**LIVRO II**

**MOÇAMBIQUE**

## **SONETO DO EMIGRANTE**

Por ti, ó minha terra, vou chorar.  
Abandonada ao vento e ao sol, bonita  
madre, madrasta, pobre viúva aflita,  
vertem meus olhos todo o sal do mar.

Vão-se os teus filhos. Quem irá voltar?  
É de nós todos a cruel desdita.  
Ó minha terra, na algidez contrita,  
vejo os teus verdes campos a murchar.

Nem só de pão um homem vai viver,  
porém, sem pão não viverá, garanto,  
e a tradição nos não irá reter

nem ser para nós a protecção, o manto  
que almas e bocas poderá manter.  
É tempo já de esconjurar o pranto.

## **TRANSPORTADOR MOÇAMBICANO**

Contar é simples a história  
dos que vencem a picada,  
em luta de obscura glória,  
do sol à noite calada.

Não há pane que detenha  
o cruzador pertinaz  
de quanto é mato e montanha  
na sua missão de paz.

Tem sempre por companhia,  
nesta ingrata profissão,  
um pouco de nostalgia  
e a malvada solidão.

Para além do que permita  
sua simples força humana,  
corre sempre, não hesita,  
atravessando a savana.

Transporta no camião  
os géneros alimentícios,  
materiais de construção,  
tabaco e outros vícios.

O suor lhe empapa o roupa,  
faz mil rios nas suas rugas;  
engole à pressa uma sopa,  
que a sua vida é de fugas.

Pragueja. Por vezes canta.  
Numa cantina de mato,  
quando lhe seca a garganta,  
dá-lhe o necessário trato.

Chega-lhe então uns copitos,  
ali conta as novidades  
e lá volta de olhos fitos  
a caminho das cidades.

## **EMIGRANTE**

Sabe-me a vida a pouco  
e a boca a vento,

No cais há mil gaivotas loucas,  
no ar um cheiro de partida.

Se me puxam, vou,  
se me empurram, grito,  
se me pedem, canto.

Eu sou o emigrante  
do pão e do sonho  
e tenho este sorriso triste,  
de alma rota.

Quem não conhece o meu canto?  
Quem não ouviu o meu grito?

## **NAMPULA**

Quem se perturbaria se saltassem  
chispas electro-mágicas dos dedos,  
dos olhos, dos cabelos e abalassem  
as casas confortáveis e os penedos?

E se as acácias rubras desvendassem  
de repente os seus místicos segredos  
de fogo e de verdura e os lançassem  
como setas certeiras contra os medos?

Quem se perturbaria no momento  
da verdade e do grito? Quem diria:  
isto é um grito, não é um lamento?

Quem, com a verdade em punho, brandiria  
o grito como quem comanda o vento,  
ousando anunciar o novo dia?

## **A PROSTITUTA NEGRA**

A prostitutas negra  
(vulgo preta ordinária)  
sorria.  
Comercialmente sorria.

Nos olhos mansos,  
promessas tristes  
de sexo morno;  
na alma vazia  
o vazio-vazio.

Nas ancas, gingando,  
requebros de mar,  
nas carnes flácidas  
o viço se esvai  
e os seios já são  
como massa de pão.

Pão!

É isso, é isso!

E do desencanto da vida  
o negro desesperança  
de dias caindo iguais...

## **NACALA**

Ali, que Deus gigante e luminoso  
salpicou de estrelas a baía?  
Ali, onde buscava o meu repouso,  
no mar bebendo o sonho e a fantasia!

Dos cantos ao luar, do sol radioso,  
do bruhaha do cais, da maresia,  
guardo no peito amargo e desditoso  
esta minha sofrida nostalgia.

Vindas de lendas antigas e singelas,  
nas nuvens, nos vapores, transmudadas  
eu via rutilantes caravelas.

Que eu sabia de moiras encantadas  
e sabia o segredo das estrelas  
nas águas da baía semeadas.

## **ANTÓNIO ENES**

A cumprir o meu contrato  
mercenário, marinheiro  
no Alto do Parapato,  
meus olhos são de gajeiro.

que não vê terras de Espanha  
nem praias de Portugal,  
por mais alvíssaras que tenha  
no Império Colonial.

Gajeiro cego me fico,  
não por dentro, mas por fora  
e apenas fico mais rico  
do coração que me chora.

Queixo-me em versos à Lua,  
meus olhos choram um rio,  
porque o fogo se habitua  
nos porões do meu navio.

Neste mar de hipocrisias  
que o nosso império contém  
vivo a corrente dos dias  
como quem dias não tem.

## **ILHA DE MOÇAMBIQUE**

Neste universo conformado e triste,  
chegam zavalas ecos de timbila,  
há uma catana antiga que resiste  
e a raiva lembra a sorte da machila.

À maldição um xicuembo assiste,  
suor e sal no coiro se destila  
e o riquixó do sono aqui persiste,  
marrabenta castrada que desfila.

Neste coral plantado à beira-mar  
com algarvias ruas enxertadas,  
aqui mesmo neste índico lugar

de capulanas tristes, humilhadas,  
de danças e batuques ao luar,  
na morna paz de acácias inventadas,

há uma catana antiga que resiste.

## **RIQUIXÓ**

Na faina do riquixó, Abdul vai  
ganhando o magro sustento. Sua vida,  
feita de suor e pó, dolorida,  
ao sol, calor, chuva e vento se esvai.

Cala a raiva amordaçada nos varais,  
na condição asinina e consentida,  
presa mansa, agrilhoada e ferida.  
De pé! Grita à tua sina não mais!

Os ventos já se alevantam e gritam  
que a hora é de mudança; vomitam  
os que de medo não cantam. De pé!

Acordai ó gente mansa. Com fê  
e luta todos suplantam a dor.  
Há que limpar a esperança do bolor.

## **LAURENTINAMENTE**

Eis-me aqui fanada burguesia  
cuspindo na vossa hipocrisia  
nos vossos gestos venais.  
Em vós que gastais cabedais  
que aos outros custam suor.  
Cuidado que há dentes de rancor  
caninos molares mortais  
nas franjas das bacanais  
festas ditas de truz  
e nas esquinas sem luz  
há vultos e há rumores  
e escondem-se Adamastores.

Eis-me aqui burguesia fanada  
dos chás canasta  
dos chás das cinco five o'clock tea  
que acabam em noitada.

Ó gente chata e melancólica  
da minha terra bucólica  
das flores do verde pino  
da miséria a atirar pró fino  
saltimbancos da moda  
de roda em roda  
a gastarem o traseiro  
machos de ar paneleiro  
fêmeas prostibulares  
dos beijos nos calcanhares  
e em sítios que não digo  
Atenção!

sinal de p'riego!  
Cuidado com as conversas  
têm orelhas os persas  
que de bandeja vos servem  
Cuidado que os ódios fervem!  
Não sentem o estranho odor  
que vem da malta de cor?

Vejo negros precipícios  
por baixo dos vossos vícios  
onde se mijam as osgas  
e piam corujas pitosgas  
em espinhas de arrepio  
as ratas morrem de cio  
e os corruptos  
bípedes cornúpetos  
em gritos agudo-histéricos  
têm gozos esfíntéricos.

# **ÁLQUÍMICO SEGREDO AQUI NESTE DEGREDO**

**Nacala, 25 de Abril de 1974**

## **TERRA**

Possuída por longes e capins  
a terra é farta e dá para toda a gente,  
mas os fados que a habitam são ruins  
e do pão a justiça está ausente.  
Neste exílio não medram os jasmins  
e a mata gera um eco descontente.  
Da terra o preto perde aqui o cheiro,  
fazendo a conta a cada cajueiro.

## **ÁGUA**

Água não há que chegue para lavar  
tanto suor e sal acumulado  
na mentira que habita este lugar,  
neste africano solo violado,  
onde a esperança caminha devagar  
e medo e tédio moram lado a lado.  
Perturbe-se o Império Colonial  
que os ventos anunciam temporal.

## **AR**

Aqui o ar é livre e não tem cor  
e é consumido sem pagar imposto,  
não é escravo cativo do suor  
canta nas árvores sempre bem disposto,  
ninguém lhe impõe trabalho nem senhor

nem tem de prestar contas lá no posto.  
Aqui, que mau exemplo dá o ar  
se um dia alguém se lembra de o imitar.

## **FOGO**

No secular império contingente  
labaredas altivas se alevantam  
num horizonte cálido e urgente.  
Os mudos ganham voz, um hino cantam;  
um temporal se abate de repente  
sobre os corcéis do medo, que se espantam.  
Cantem clarins de fogo nesta aurora  
que um futuro de esperança marca a hora..

## **SIGNIFICADO DAS PALAVRAS E EXPRESSÕES EXÓTICAS CONTIDAS NA PRESENTE OBRA.**

ALMA DE BIAFADA: grande ave negra da Guiné

BAJUDA. virgem, adolescente.

BIAFADA: uma das muitas etnias da Guiné.

BÔ: você, tu.

BOLANHA: lavra de arroz.

CABEÇA GRANDE (ter): estar bêbedo.

CHUVAS: anos.

CONVERSA DJIRA: namorar, fazer amor.

DONDON: tantã, tambor.

DÔS XILINS: cinquenta centavos.

JAGUDI: ave de rapina muito abundante na Guiné.

MACHILA: transporte em padiola, aos ombros dos indígenas (Moçambique).

MAMA FIRMADA: requisito de beleza feminina na Guiné; seios rijos, erectos, firmes.

MANCARRA: amendoim.

MISTE: deseja, quer.

MARRABENTA: dança típica e frenética do Sul de Moçambique.

PATACÃO: dinheiro.

PILÃO: utensílio em madeira escavada onde se descasca (pila) o arroz; também o nome de um enorme bairro de Bissau.

SÁBI: é bom, sabe bem.

TIMBILAS: marimbas.

XICUEMBO: feitiço.

ZAVALA. região de Moçambique, famosa pelos seus marimbeiros.

# ÍNDICE

OBRAS DO AUTOR: 6

**PÓRTICO:** 10

**AUTO-RETRATO:** 11

## **LIVRO I: 12**

### **GUINÉ**

ELEGIA: 13

A BÔ, PRETA: 14

ALCÂNTARA-MAR: 16

CANTANDO E RINDO: 17

QUANDO PARTI: 18

BISSAU: 19

PIJIGUITI: 20

AQUI: 21

VIRGEM NEGRA: 22

GUINÉ: 23

GRITO ÀS PALMEIRAS: 25

JAGUDIS EM QUINHAMEL: 26

*POST CARD:* 27

TERRA ESPEZINHADA: 28

CANÇÃO OU GRITO D'ALMA: 29

CASSUMÁ SANHÁ: 32

APENAS: 34

TERRA RUIM: 35

EPITÁFIO: 36

MAIS UMA MEDALHA: 37

UM HOMEM CHORA: 38

## **LIVRO II: 40**

### **MOÇAMBIQUE**

SONETO DO EMIGRANTE: 41

TRANSPORTADOR MOÇAMBICANO: 42

EMIGRANTE: 44

NAMPULA: 45

A PROSTITUTA NEGRA: 46

NACALA: 47

ANTÓNIO ENES: 48

ILHA DE MOÇAMBIQUE: 49

RIQUIXÓ: 50

LAURENTINAMENTE: 51

ÁLQUÍMICO SEGREDO: 53

**SIGNIFICADO DAS PALAVRAS E EXPRESSÕES EXÓTICAS CONTIDAS  
NA PRESENTE OBRA: 55**

©2001,2006 – Abdul Cadre  
abdul.cadre@netc.pt

Versão para eBook  
eBooksBrasil.com

---

Junho 2001

Proibido todo e qualquer uso comercial.

Se você pagou por esse livro

**VOCÊ FOI ROUBADO!**

Você tem este e muitos outros títulos

**GRÁTIS**

direto na fonte:

[eBooksBrasil.org](http://eBooksBrasil.org)

Edições em pdf e eBookLibris

[eBooksBrasil.org](http://eBooksBrasil.org)

---

Abril 2006